


por Vicente Nunes / vicentenunes.d@abr.com.br

Para onde o BC levará os juros

Com o dólar caminhando insistente para a casa dos R\$ 2,60 — ontem, a moeda cravou R\$ 2,629, mas cedeu para R\$ 2,595 no fim do dia —, os especialistas começam a fazer as contas para ver até onde o Banco Central está disposto a levar os juros. No mês passado, ao aumentar a taxa básica (Selic) de 11% para 11,25% ao ano, numa operação combinada com o Palácio do Planalto para tentar resgatar a credibilidade do governo, o Comitê de Política Monetária (Copom) justificou que um dos motivos para o aperto foi a alta da divisa dos Estados Unidos entre setembro e outubro. Os 10% de valorização no período representariam um impacto de 0,5 ponto percentual na inflação ao longo de 12 meses.

A maioria dos analistas ainda acredita que o BC será comedido no arrocho, devido ao baixo nível da atividade. A aposta desse grupo é de que sejam promovidas mais três altas da Selic de 0,25 ponto cada, com a taxa atingindo 12% anuais. Mas,

diante da escalada do dólar, de quase 6%, desde a última reunião do Copom no fim do mês passado, passou-se a cogitar uma política monetária mais dura. Os juros subiriam 0,5 ponto no início de dezembro, outro 0,5 ponto em janeiro e, para fechar o ciclo, 0,25 ponto em março. A Selic chegaria, portanto, a 12,50%.

Esse quadro de aperto mais forte tende a ganhar força quanto mais a presidente Dilma Rousseff demorar para definir o nome do futuro comandante da política econômica e, sobretudo, se o sucessor de Guido Mantega no Ministério da Fazenda terá autonomia para fazer um ajuste fiscal mais consistente, que afaste o risco de o país ser rebaixado pelas agências

**Quanto mais
Dilma demorar
para anunciar
o ministro da
Fazenda e
definir um
ajuste fiscal
consistente,
mais o dólar
subirá e maior
será a pressão
sobre a
inflação**

de classificação de risco. Já que a petista reeleita mantém a resistência a Henrique Meirelles, o preferido do mercado, ganham força dois nomes: Nelson Barbosa, que tem o aval do ex-presidente Lula mas é visto como “mais do mesmo” pelos especialistas, e Alexandre Tombini, atual presidente do BC, que ainda mantém uma certa credibilidade internacionalmente.

“É inacreditável como a presidente deixou a situação se deteriorar tão rápido. O dólar está subindo por causa das indefinições na política econômica, o impacto sobre a inflação, que já está acima do teto da meta, de 6,5%, vai aparecer e o BC será obrigado a aumentar os juros além do que seria conveniente, empurrando ainda mais a atividade econômica para o buraco”, admite um técnico da Fazenda. “A ansiedade no entorno do ministro Mantega é grande. Estamos vendo o nível de confiança entre os empresários piorar e não podemos fazer nada, a não ser esperar para ver quem nos chefiará e qual linha será seguida na área fiscal”, ressalta.

O mesmo técnico admite que 2014 foi desastroso e 2015 já está perdido, devido à herança que receberá. A retomada da economia neste segundo semestre que tanto Mantega quanto Dilma prometeram não aconteceu. No próximo dia 28, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre e as projeções feitas pela Fazenda apontam para uma ligeira alta entre 0,2% e 0,3%. Ou seja, nada. Nos dois primeiros trimestres do ano, o PIB tombou, respectivamente, 0,2% e 0,6%.

O mais grave, reconhecem integrantes do governo, é que os dados preliminares do quarto trimestre também estão ruins. O país está parado. Os empresários não darão um passo sequer para retirar os investimentos da gaveta sem que tenham a garantia de que o segundo mandato de Dilma será melhor do que foi o primeiro — sem intervencionismo, com inflação controlada, contas públicas arrumadas e uma presidente amigável ao capital. Até agora, porém, o que se vê é um país à deriva.